



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

**Mulheres de Wakanda: o papel político das mulheres pretas em
“Pantera Negra”.**

Lays Damasceno Gomes

Rio de Janeiro
2024

LAYS DAMASCENO GOMES

**Mulheres de Wakanda: o papel político das mulheres pretas em
“Pantera Negra”.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português e Italiano.

Orientador: Profa. Dra. Luciana dos Santos Salles.

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Em Capitães de Areia, Jorge Amado escreveu que, certos homens têm estrelas no lugar do coração, e que quando morrem o coração fica no céu. Posso afirmar que, com toda a certeza, minha bisá Ernestina, minhas avós Maria e Catarina tinham uma estrela no lugar do coração. Toda a minha trajetória foi, ainda é e permanecerá sendo guiada e cuidada por elas, minhas ancestrais. Por isso dedico essa monografia a mantê-las vivas e eternizadas em cada linha que escrevo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois tenho ciência de que Ele foi fiel para cumprir a promessa que me fez. Sempre foi um dos meus maiores sonhos entrar em uma Universidade Pública e finalmente depois de tantos obstáculos, preciso registrar essas palavras para que todos vejam, saibam e considerem que a mão do Senhor fez isto.

Fui muito feliz como filha de Minerva e fiz do prédio da Letras o meu lar, mas isso só foi possível graças a muitas pessoas que cruzaram meu caminho e de outras que estão comigo desde que nasci.

Gostaria de começar agradecendo a minha amada mãe Eliana por seu amor incondicional e por sempre acreditar em mim e em meus irmãos, nos incentivar a seguir o caminho dos estudos, mas principalmente por escolher permanecer e abdicar de seus sonhos para que os nossos fossem realizados. Por cada dia cuidando de nós, cada marmita feita com carinho, cada dinheiro para xerox, livro e pelas broncas de só quem é mãe e quer ver o bem do seu filho, sabe. Foi a sua fé em mim que me permitiu sonhar e o seu amor minha maior inspiração para mudar outras vidas através da educação.

Aos meus irmãos, obrigada por dividirem comigo risadas, sonhos e me incentivarem a continuar, mesmo quando eu queria desistir. Em especial a minha caçula, Tonton. Se eu luto para ser alguém melhor, é graças a você, pequena.

Ao grupo de Cultura Pop por serem meu alento nas horas de desespero. Obrigada pelas partilhas, pelas ajudas, aventuras, risadas, diversão e por dividir esse espaço de tanto aprendizado com vocês. Ainda bem que tive vocês nessa jornada.

Ao meu amigo Maurício por essa amizade que nasceu na Letras e que levaremos por toda vida.

Ao meu grande amigo Artur pelas confidências, por dividir comigo os surtos, cada Gin brinado, cada abraço, cada ida ao japonês para desopilar a mente e cada aventura que tivemos. Obrigada por fazer o ENEL acontecer comigo e ter feito dele, um evento histórico! Você sabe o quão especial é na minha vida.

Aos meus amigos Mariana Leiroz, Ligia, Adriano, Igor, Tayná, Jéssica Zambello e Blenda que dividiram as delícias e dores de sermos filhos de Minerva desde o primeiro dia de faculdade. Que vocês sejam imensamente felizes e tenham muito sucesso.

Ao meu avô Hércules por ser o meu primeiro e grande incentivador nos estudos. Obrigada por sempre cuidar de mim e por todos os livros e gibis que compramos juntos. Eu te amo!

A minha tia Cristina que sempre me inspirou a estudar! Te amo, obrigada!

A minha avó Catarina que do céu tenho a certeza de que está feliz por mim, e está sempre guiando e protegendo meus passos. Eu vou te amar para sempre, minha estrela.

Aos professores Fabiano Dalla Bona e Giselle Batista por todo o apoio e insistência para que eu não desistisse. Essa conquista também é de vocês.

Agradeço ao Marlon por me inspirar com sua doçura, paciência e resiliência. Tem um pouco de você no que sou hoje também.

A professora Vanessa Ribeiro que fez com que eu me apaixonasse pelas Literaturas Africanas. Ver você como a única professora negra que tive em minha graduação, me inspirou e me mostrou que é possível e que temos que ocupar lugares que são nossos por direito. Obrigada!

Não poderia concluir estes agradecimentos sem fazer um muito especial a Luciana, minha orientadora. Nossos caminhos se cruzaram nos corredores do prédio da Letras e desde então, a minha vida acadêmica nunca mais foi a mesma. Obrigada pelos abraços, por não me deixar desistir e por fazer desse ciclo, um momento leve e recheado de lembranças. A sua confiança em mim, em querer me ver crescer e cada vez que você comprou alguma ideia minha ou aplaudiu uma conquista, que é nossa, foi um tijolinho na construção da pessoa que sou hoje. Muito obrigada, Lu! Você é especial e inesquecível em minha vida.

Índice de Imagens

Imagem 1.....	12
Imagem 2.....	14
Imagem 3.....	18
Imagem 4.....	19
Imagem 5.....	20
Imagem 6.....	20
Imagem 7.....	22
Imagem 8.....	24
Imagem 9.....	26
Imagem 10.....	27
Imagem 11.....	30
Imagem 12.....	32
Imagem 13.....	33
Imagem 14.....	35
Imagem 15.....	37
Imagem 16.....	38
Imagem 17.....	38
Imagem 18.....	39

Sumário

Mulheres de Wakanda – as mulheres de “Pantera Negra” (2018)	10
A Erva Coração e a deusa <i>Pantera Bast</i>	12
Rainha Ramonda – o ventre do Rei T’challa.	16
Shuri – a criança-mulher.	24
Okoye – a força da mulher guerreira.	32
Wakanda Para Sempre.	40
Referências Bibliográficas	41

Resumo

“Pantera Negra” (2018) é o 18º filme do universo cinematográfico da Marvel Studios e trouxe como protagonista o primeiro super-herói negro, T’Challa, interpretado por Chadwick Boseman (1976-2020). A trama acompanha o protagonista dos acontecimentos depois da Guerra Civil, do filme “Capitão América: Guerra Civil” (2016), a coroação de T’Challa como rei do país africano Wakanda e os desdobramentos após a sua coroação. O presente trabalho pretende observar o filme a partir de uma outra perspectiva, que não olha diretamente para o protagonista T’Challa, mas sim para as mulheres no entorno dele, focando em sua mãe, a Rainha Ramonda, sua irmã, a princesa Shuri, e Okoye, a líder das Dora Milaje, exército do Rei. O objetivo é perceber como essas mulheres são fundamentais para as decisões que T’Challa toma enquanto rei e enquanto Pantera Negra e para Wakanda enquanto nação.

Palavras-chave: Pantera Negra; Mulheres Negras; Mulheres de Wakanda; Feminismo Negro.

Mulheres de Wakanda – as mulheres de “Pantera Negra” (2018)

“Pantera Negra” (2018) – em inglês “Black Panther” –, dirigido por Ryan Coogler e lançado no Brasil em 15 de fevereiro de 2018 é o 18º filme do universo cinematográfico da Marvel e narra os acontecimentos pós guerra civil – do filme “Capitão América: Guerra Civil” (2016) (em inglês “Captain America: Civil War”) – quando Wakanda, um país classificado como nação de terceiro mundo no continente africano, perde seu rei e se prepara para que o sucessor, o príncipe T’Challa (interpretado pelo ator Chadwick Boseman – 1976 a 2020), assuma o trono do reino.

Dentro da narrativa do universo cinematográfico da Marvel, iniciada em 2008 com o filme “Homem de Ferro” (em inglês “Iron Man”), dando início a primeira fase do universo, o filme coloca o personagem de Boseman, o príncipe e depois rei, T’Challa como o protagonista da trama, isso porque ele assume o lugar do herói Pantera Negra que dá título ao filme. Após ter sido inserido no MCU (sigla pela qual o universo cinematográfico da Marvel é conhecido) nos acontecimentos do filme “Capitão América: Guerra Civil”, o herói Pantera Negra ganhou, dois anos mais tarde, seu filme solo, sendo o primeiro herói negro do universo Marvel. Alguns pontos na trama são interligados com outros acontecimentos do MCU, isso porque a Marvel criou de fato um universo que se interliga entre os filmes e, com o lançamento do serviço de streaming da Disney, dona da Marvel Studios, ganhou também as séries que fazem parte desse universo compartilhado. O filme do Pantera Negra é importante para tentar esclarecer a origem do *Vibranium* – metal precioso e extremamente forte, mostrado nos quadrinhos como um material com assinatura “única”¹.

Mesmo que os filmes sejam baseados nos quadrinhos da Marvel, nem sempre as histórias são 100% fiéis por se tratarem de uma adaptação, até 2023 o quarteto fantástico ainda não havia sido inserido nesse universo cinematográfico, o que em alguma medida muda a narrativa em torno do Vibranium, já que é o Sr. Fantástico que realiza uma análise mais detalhada do material nos quadrinhos.

Mesmo sem essa fidedignidade, o material já havia aparecido no universo cinematográfico antes mesmo da chegada do Pantera Negra, isso porque o escudo do Capitão América é

¹ Na terceira edição do evento Doomwar, lançado em 2010 com roteiros de Jonathan Maberry e desenhos de Scot Eaton, T’Challa recorre à ajuda do Quarteto Fantástico. Reed Richards, também conhecido como Sr. Fantástico, desenvolve um rastreador de vibranium, e, ao analisar o metal, descobre um de seus maiores segredos: o vibranium coexiste tanto no plano material como no plano espiritual. É importante destacar essa informação vinda dos quadrinhos, pois os filmes são inspirados em HQ’s.

feito de *Vibranium*, – o escudo aparece no filme “Capitão América: O Primeiro Vingador” (2011) (em inglês “Captain America: The First Avenger”) sendo usado pelo personagem título e é mencionado na série da ABC, que faz parte do grupo Disney, “Marvel's Agent Carter” (2015) onde há menção do material, sem descrição de sua origem – provando assim que o metal já estava no MCU antes do Pantera Negra ter sido inserido.

É importante destacar que no universo cinematográfico da Marvel existem duas cronologias: a temporal, que segue a ordem cronológica das narrativas no tempo, onde temos o primeiro filme do Capitão América iniciando o universo, seguido da série da agente Peggy Carter lidando com o desaparecimento de Steve Rogers; e há a narrativa que segue a ordem de lançamento dos filmes e séries são lançados, que começa com o primeiro filme do homem de ferro lançado em 2008. Na primeira ordem, “Pantera Negra” é o 16º filme, na segunda, o 18º. Seguir uma ordem ou outra não afeta esse trabalho, apenas vale destacar como forma de esclarecer que é possível pensar o filme de forma isolada, sem a necessidade de retomar com tanta frequência imagens ou acontecimentos anteriores, embora apareçam.

Dentre as muitas camadas que podem ser vistas em Pantera Negra, como pensar o afrofuturismo, as formas como o filme traz a ancestralidade africana atravessada em uma narrativa de super-herói, as questões sociais e políticas ligadas ao continente africano, reverência à ancestralidade e os rituais que aparecem no filme – como o ritual do Pantera Negra, onde o vencedor do desafio toma uma espécie de elixir feito da Erva Coração e passa por um tipo de renascimento ao ir para um plano ancestral e voltar como o Pantera Negra. No entanto, esse trabalho vai falar das mulheres. Das mulheres negras de Wakanda e de como elas são parte importante nas decisões do herói principal ao longo do filme. Para tal, vou pensar o herói em dois lugares: o membro da família, filho e irmão; e o rei. Em cada uma dessas posições em que ele ocupa, algumas mulheres são relevantes para suas decisões. Como membro da família, a família real, sua mãe, a Rainha Ramonda e sua irmã a Princesa Shuri, são extremamente importantes, por representarem parte de sua ligação com a ancestralidade e serem seu laço afetivo. Elas, junto de Okoye, são também parte importante na vida do Rei T’Challa. Assim, pretendo destacar como essas mulheres têm papel decisivo na trama, pois elas compõem uma espécie de “rede de apoio” do herói. Vou pensar aqui: Rainha Ramona – o poder político; Shuri – o poder intelectual; e Okoye, líder das Dora Milaje – a general de guerra, líder do exército do rei, formado por mulheres.

A Erva Coração e a deusa *Pantera Bast*

Não há como falar das mulheres de Wakanda sem pensar algumas questões importantes para o primeiro filme com um super-herói negro. A primeira delas é a reverência e respeito à ancestralidade, filosofia das culturas africanas, que o filme põe no centro da trama. A primeira palavra que aparece no filme é “Baba”, do Iorubá, pai.

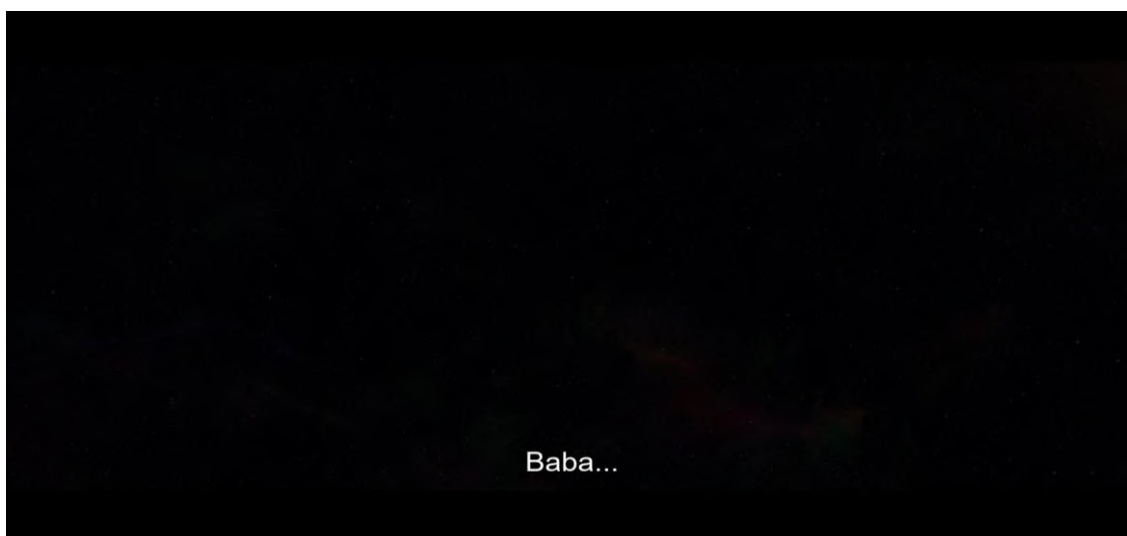


Imagem 1 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – 0’06’’
Fonte: Marvel (2018)

A primeira cena, o primeiro ato do filme, já diz muito sobre como uma parte na narrativa será conduzida, pela ancestralidade. Em seguida esse pai, ainda não identificado, começa a contar a história de Wakanda, mostrando como a queda de um meteorito feito de *vibranium*, no meio do continente africano, deu origem a uma nação que se desenvolveu tecnológica e humanamente em torno do metal, mas esconde esse segredo do mundo capitalista por medo que essa tecnologia seja utilizada de forma destrutiva. Em meio a história do continente, ele conta como a junção de 5 tribos originou o território que é conhecido como Wakanda. Em meio às guerras entre as tribos, um Xamã guerreiro teve uma visão da deusa *Pantera Bast*, que o levou a “Erva Coração”. A planta lhe concede habilidades além da compreensão humana. Com isso ele se tornou rei, o primeiro Pantera Negra e o protetor de Wakanda.

Claro que as narrativas de Wakanda, a história da nação escondida, o *vibranium* e o desenrolar da trama do filme são de extrema importância para o Universo Compartilhado

da Marvel e para a sequência planejada para as “fases” do MCU. Mas, faço minhas as palavras de Ieda Marcondes², quando ela diz que:

[...] são as mulheres de “Pantera Negra” que fazem o filme: Lupita Nyong’o como a agente Nakia, Danai Gurira como a General Okoye e Letitia Wright como a genial Shuri, sem falar de Angela Bassett como a Rainha Ramonda. São quatro personagens femininas fortes, bem concebidas, com personalidades distintas e que mudam o curso da história. (MARCONDES, Teleguiado, 19 fev.2018).

Isso porque a trama se desenvolve em duas frentes, uma é a ação, característica de um filme de super-herói, produzido em Hollywood, por uma grande indústria, com a pretensão de criar um universo cinematográfico e coisas mais de uma indústria que pretende lucrar. A outra é em torno das mulheres, dessas que atuam, e com sua atuação, ganharam a crítica especializada, mas, sobretudo, por conta da narrativa, pela capacidade que essas mulheres têm, relacionando seu afeto ao protagonista, de mudar a história.

Nakia é o grande amor de T’Challa, Shuri é a sua irmã, Okoye é a grande mulher de sua confiança, sua general e Ramonda, sua mãe. Em um primeiro plano, T’Challa não se vê diante de uma triangulação, mas de uma espécie de “conselho” de mulheres que é responsável por guiar sua vida. Pantera Negra tem então uma dupla progressão narrativa. A primeira é a de romper a figura racial, trazendo um super-herói negro para os cinemas, a segunda é romper a lógica de que o conselheiro do rei é um homem. Aqui não é só uma mulher, são quatro, e todas ligadas a ele pelo seu afeto.

Mas não há como começar uma discussão sobre essas mulheres sem pensar, primeiro, na ancestral que nos é apresentada logo no início do mito, no começo do filme: a *Pantera Bast*. O primeiro ponto é pensar como o mito do Pantera Negra é passado pela oralidade e nós, como espectadores, o vemos a partir da história contada por esse pai a essa criança, que deseja saber sobre o lugar de onde veio. Para Leda Maria Martins:

A ancestralidade tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quando pode ser vislumbrado como um canal, um pelo qual se esparge, por todo o cosmo, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada, constantemente em processo de expansão e de catalização. (Martins, 2021, p. 60)

Ao pensar essa ancestralidade como um princípio filosófico do pensamento civilizatório nas sociedades em África, Wakanda precisa desse mito da ancestralidade como fundador

² O link onde o artigo de Ieda estava disponível não é mais acessível, muito provavelmente por conta do tempo em que a crítica foi publicada e pela necessidade do site de liberar espaço no servidor para artigos mais recentes. Cito a transcrição feita por Natalí dos Santos, anexo N de seu TCC de conclusão do curso de Bacharel em Comunicação Social “Wakanda Forever: um estudo sobre os discursos avaliativos do filme Pantera Negra”, defendido na Universidade Federal da Bahia em 2019.

na nação para que essa circularidade de uma energia que se expande, como se expande a própria civilização se torne necessária. A ancestral primeira do Pantera Negra é a *Pantera Bast*, detentora do segredo da “Erva Coração”, que torna o primeiro Xamã guerreiro o rei, que inicia uma espécie de Dinastia, que esse primeiro mito não dá conta de narrar se é uma dinastia exclusivamente formada por homens. Por se tratar de um mito oral, ele pode, ao longo do desenvolvimento das próximas fases do MCU ganhar novas formas de ser contado. Mas a ordem cronológica que temos até então é a de um primeiro Xamã como rei, o Rei T'Chaka e seu sucessor T'Challa.



Imagem 2 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – a deusa *Pantera Bast*– 0’48’’”
Fonte: Marvel (2018)

Além do caráter oral e do princípio filosófico desenvolvido pelo mito de formação de Wakanda enquanto nação, a *Pantera Bast* é demarcada, no idioma original, como uma deusa, sendo então a partir do conhecimento obtido através de uma deusa mulher a formação dessa nação. É a transmissão de conhecimento dessa deusa que origina uma nova civilização, Wakanda, um rei e um herói, o Pantera Negra. Ela também é responsável por criar uma paz, que não se dá por completo, já que, das 5 tribos que viviam em guerra, apenas a tribo Jabari, não aceitando ser governada pelo Pantera Negra, se isolou nas montanhas. O filme tenta de alguma forma estabelecer uma outra relação com o papel das mulheres nas sociedades em África. Elas não são meras reprodutoras ou senhoras do lar, mas sim conhecedoras de diversos saberes, que logo no começo do filme se apresentam como fundamentais. Ao trazer esse mito à luz de 1971 – ano em que o filme começa – a

narrativa de cara já mostra como Wakanda, e algumas das sociedades africanas de forma geral, estavam muito à frente do debate sobre o espaço e o papel social da mulher dentro da construção da nação. O mito contrapõe a visão mostrada por Silvia Federici (2017) sobre a situação das mulheres na Europa:

[...] o destino das mulheres na Europa Ocidental, no período de acumulação primitiva, foi similar ao das negras nas plantations coloniais americanas, que, especialmente depois do fim do tráfico de escravos, em 1807, foram forçadas por seus senhores a se tornar criadoras de novos trabalhadores. A comparação, obviamente, tem sérios limites. As mulheres europeias não estavam abertamente expostas às agressões sexuais, embora as mulheres proletárias pudessem ser estupradas com impunidade e castigadas por isso. Tampouco tiveram que sofrer a agonia de ver seus filhos levados embora e vendidos em leilão. Os ganhos econômicos derivados dos nascimentos a que estavam obrigadas a gerar eram muito mais dissimulados. Nesse aspecto, a condição de mulher escrava revela de uma forma mais explícita a verdade e a lógica da acumulação capitalista. Mas, apesar das diferenças, em ambos os casos o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 178)

A visão que Federici nos oferece dá conta de pensar como a partir do mito da Erva Coração e da *Pantera Bast* a nação Wakanda – espelhando sociedades em África – dá outro tratamento às suas mulheres. Elas não figuram o papel de exploradas, como em países como o Brasil, onde as mulheres negras foram forçadas a serem as mãos que trabalham e servem aos desejos sexuais dos senhores, tiveram seus filhos arrancados ainda recém-nascidos, tão pouco o papel de senhoras do lar ou tem um papel político figurativo. Em Wakanda elas são participativas, inteligentes e principalmente guerreiras.

“Pantera Negra” (2018), ainda³, não contará com uma sociedade matriarcal. Mas a importância das mulheres que compõem a trama mostra uma outra forma de narrar uma nação, seja pelo mito apresentado ou pelas ações das mulheres de Wakanda.

Rainha Ramonda – o ventre do Rei T’challa.

Personagem fundamental na trama de “Pantera Negra”, a Rainha Ramonda, mãe de T’Challa e Shuri, é uma das mulheres mais fortes da trama do filme. Seu papel é central durante o filme, pois ela ocupa uma posição central no filme: ela é a mãe do rei. Mas além

³ Isso fica para o segundo filme “Pantera Negra: Wakanda Forever” (2022), por conta de um infeliz incidente, já que, com a morte precoce de Chadwick Boseman em 2020, vítima de câncer de colón, a atriz Laetitia Wright assume o papel de protagonista e sua personagem Shuri se torna a Pantera Negra.

disso, ela é uma espécie de conselheira do rei – seu filho – em suas decisões políticas. Isso se dá por dois motivos, o primeiro é uma certa preocupação com as inseguranças e a juventude de seu filho. O segundo é o fato da posição que ela ocupa, a da matriarca. Nas sociedades africanas a figura da matriarca é bastante valorizada, colocada como a senhora a ser ouvida para as decisões. Ivan Poli diz:

[...] a matriarca, a partir de uma determinada idade, passa a desempenhar um papel importante dentro das estruturas de poder, predominantemente masculinas, nas sociedades subsaarianas. Esta idade que confere à mulher uma determinada antiguidade, que lhe permite participar das decisões dos conselhos masculinos, é exatamente o que vemos representado no mito de Iemanjá quando esta manifesta sua maternidade adulta. Ao analisarmos os versos de oriki: "Rainha que vive nas profundezas das águas" e "Diante do Rei ela espera altivamente sentada", vemos, no primeiro, a legitimação da função cosmológica de seu mito e, no segundo, a imagem deste poder matriarcal, ao fazermos a imagem da mulher ativa que espera na frente do rei. (Poli, 2019, p. 152 e 153.)

Ramonda tem então um papel fundamental no filme que vai muito além da sua posição política em Wakanda. Ela é a mãe do Rei e a matriarca desta nação formada por 4 tribos, que cultua a deusa Pantera Bast. Ramonda participa do conselho do reino, aconselha o Rei, e se faz, de alguma forma, como uma instância de poder que é tão ou mais importante que esse novo rei, seja por encorajá-lo ou por questioná-lo sobre suas decisões. Na cena da batalha no rio, cerimônia onde as tribos têm o direito de apresentar um desafiante ao trono de Wakanda, Ramonda aparece pela primeira vez como uma personagem chave para a tribo. Durante o desafio, as tribos do Rio, da Fronteira, a tribo Mineradora e a tribo dos Mercantes não apresentaram desafiante. Apenas a tribo Jabari se propõe a desafiar a dinastia de sucessão, apresentando M'Baku como desafiante. Vale ressaltar que esta é a única tribo que não compõe a nação de Wakanda. Eles vivem isolados nas montanhas e cultuam Hanuman, o deus-gorila. O filme se mostra preocupado em discutir a diversidade das sociedades em África ao trazer uma tribo que se mostra totalmente em discordância com o sistema de governo e de gestão da nação que Wakanda pratica.

Durante o desafio, a voz de Ramonda, em uma ordem a T'Challa, é decisiva para que ele vença e siga como o Pantera Negra – mesmo seu pai sendo Rei nos acontecimentos do filme “Capitão América: Guerra Civil” (2016), T'Challa já é o herói Pantera Negra. Ainda que no mito inicial a erva faça do xamã o Pantera Negra e do Pantera, o aclamado Rei, no caso do rei T'Chaka começou a preparar T'Challa para ser o Pantera Negra muito antes de sua morte. Isso porque, ao ser inserido no MCU, o Pantera Negra já era T'Challa. T'Chaka aparece com o herói apenas no início do filme. É importante destacar isso porque na cena do desafio ele toma um elixir para retirar os poderes do Pantera Negra.

No meio da luta que definiria o novo Rei de Wakanda, Ramonda, observa à espera do vencedor. Nesse momento ela demarca sua dupla função: a mãe de T'Challa, o príncipe que ainda não foi declarado rei, e a mãe da nação Wakanda, já que ela é chamada várias vezes ao longo do filme de Rainha-Mãe. As tribos Rio, Fronteira, Mineradores e Mercantes, que firmam o acordo e aceitam ser governados pelo Pantera Negra e pelos seus descendentes, estabelecem de alguma forma, um acordo coletivo que aceita a linha sucessória natural vinda do primeiro Pantera e seus descendentes. Quando a tribo Jabari insiste em contestar e apresentar um desafiante, ela não só contesta essa sucessão real que se dá, por ordem natural, T'Challa e depois Shuri, filhos de Ramonda, mas também contestam de alguma maneira essa figura da matriarca que Ramonda representa. Como o ventre que gera os descendentes que irão governar a nação. É como se, além de não aceitar T'Challa como rei, não aceitassem a Rainha-Mãe. Isso se reforça também pelo fato de a tribo não cultuar a deusa *Pantera Bast*, que em alguma medida vai ser a ancestral das matriarcas de Wakanda, já que é a partir da deusa que é gerada a nação. Novamente reforço que o papel dela como rainha não é o da mulher do lar, dos afazeres políticos meramente protocolares. Ela ocupa a posição de sim da matriarca da nação, da grande conselheira, a Rainha-Mãe.



Imagem 3 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Rainha Ramonda gritando para T'Challa na luta pelo trono. – 26’25’’. Fonte: Marvel (2018)

Essa imagem no filme é uma virada na narrativa de T'Challa, em vários sentidos. Primeiro pela tomada de postura dele na luta, em assumir o controle, tomar força e vencer M'Baku

para ser consagrado rei de Wakanda. Isso acontece por ver, no rosto de sua mãe, para além de um apoio, uma emoção que ele não soube reconhecer ou entender (Didi-Huberman, 2016) se ela partia do lugar de mãe do T'Challa ou de mãe da nação que esperava pela sucessão natural, mas o fato é que a emoção da Rainha-Mãe, de sua mãe, que deu confiança, não apenas do apoio da mulher que lhe gerou, mas da matriarca que estará ao seu lado durante o seu governo. A imagem da emoção de Ramonda, vista por ele de cabeça para baixo, é uma virada chave na narrativa, como se, a partir dali, T'Challa estivesse pronto para ser rei.

É interessante ver que o papel de Ramona se dá, não apenas pela emoção ou o papel simbólico que ela ocupa, mas pelas imagens que ela é colocada nas cenas do filme. Após T'Challa ser coroado rei e passar pelo ritual do Pantera Negra com a Erva Coração, o conselho de Wakanda se reúne para discutir a forma como irão conduzir o problema causado pela invasão e contrabando de Vibranium por Ulysses Klaue, Ramona aparece ao lado direito do Rei T'Challa, o “braço direito” do rei.

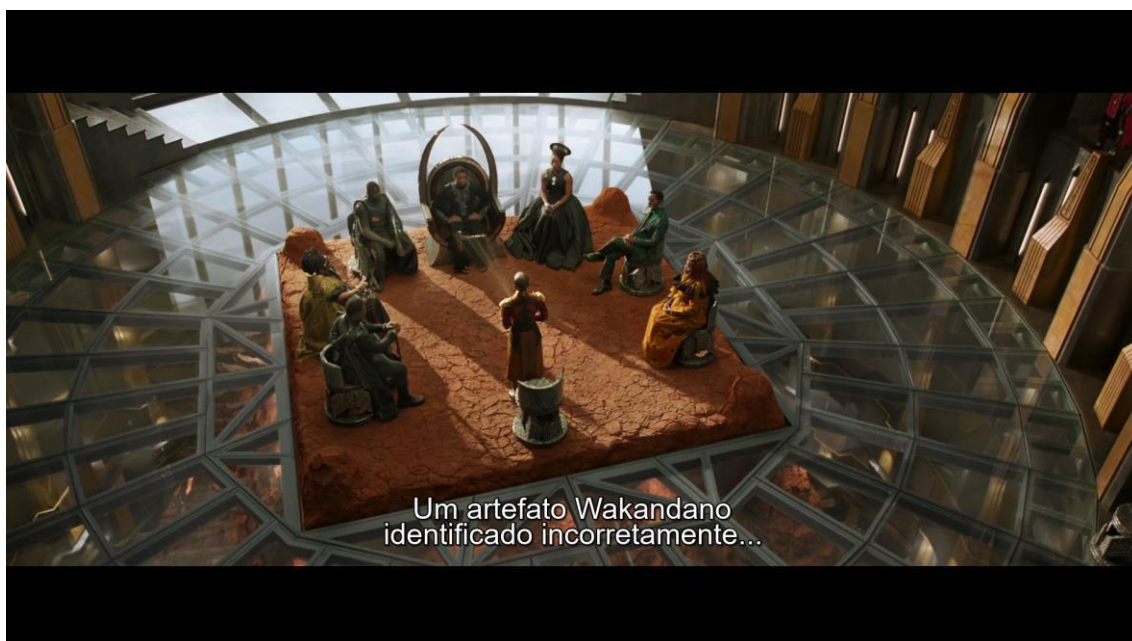


Imagem 4 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Rainha Ramonda ao lado direito do Rei T'Challa. – 35’’56’’’. Fonte: Marvel (2018)

Há outros momentos no filme em que Ramonda é importante, como no trecho em que Erik Killmonger chega a Wakanda reivindicando o direito de lutar pelo trono e desafiando T'Challa. Mesmo que ela diga que Erik não tem direitos e aconselhando o rei a não aceitar o desafio, depois que Killmonger prova ser parte da família real, com direito a reivindicar

o trono, por ser filho do irmão do Rei T'chaka, T'Challa aceita o desafio e parte para a luta.

O confronto é decisivo para a continuidade da trama, já que Killmonger vence o desafio ao lançar o copo de T'Challa do alto do penhasco em meio ao rio em curso. Nesse momento a expressão dura e fria de Ramonda, sempre em público com a postura séria da Rainha-Mãe, é tomada por um desespero ao ver seu filho e seu rei sendo derrotado pelo homem que de alguma forma é o estrangeiro – que em alguma forma espelha a colonização europeia ao continente africano, agora espelhada aos Estados Unidos da América. Ramonda também pensa ter perdido, antes do rei, seu próprio filho. É como se de alguma forma o colonialismo, representado por Erik, viesse para tirar o filho de uma mãe negra.

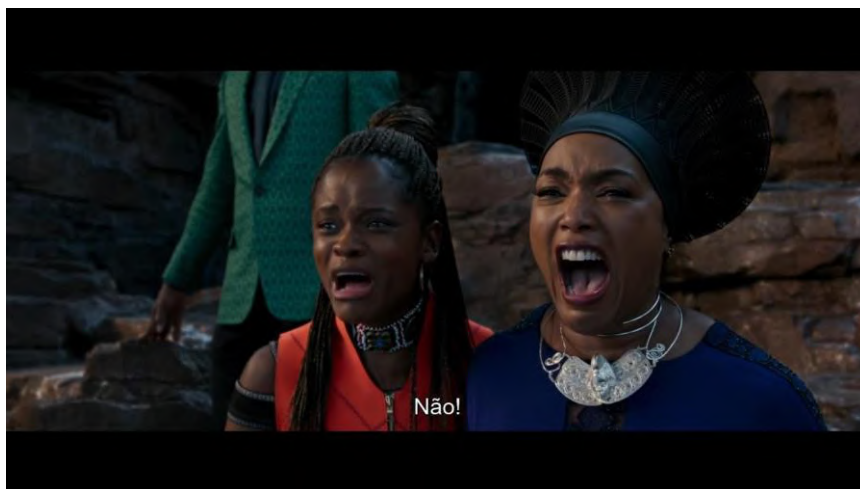
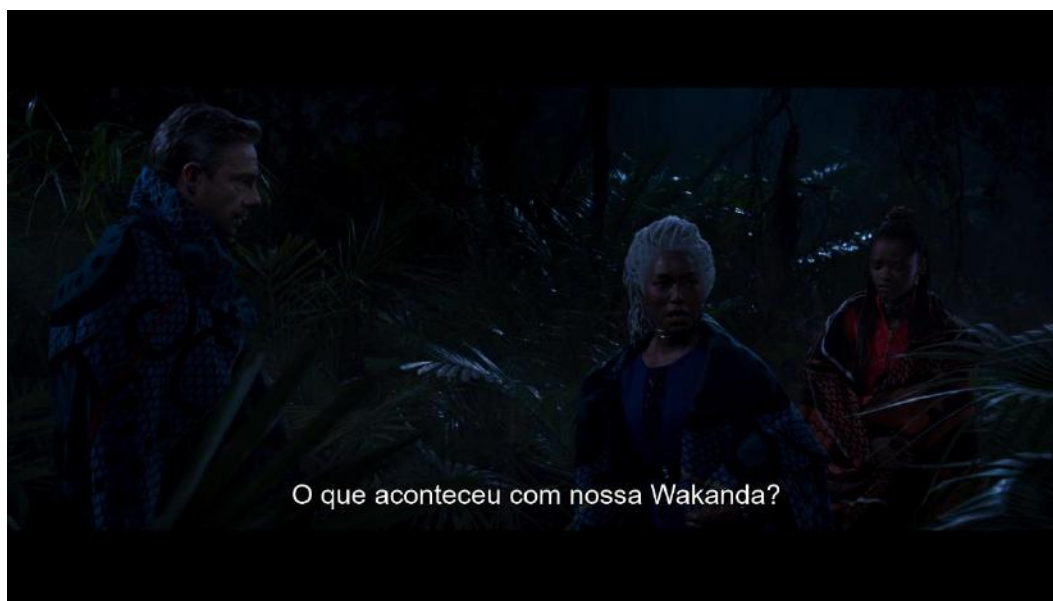


Imagem 5 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Expressão de dor da Rainha Ramonda ao ver T’Challa ser lançado do penhasco. – 1’21’’49’’”. Fonte: Marvel (2018)

Após a vitória de Erik e a proclamação dele como o novo rei de Wakanda, Nakia – da tribo do Rio – leva a Rainha-Mãe para que possam fugir de Wakanda. Em meio a fuga do novo reino que tem como soberano o Rei Erik Killmonger, Ramonda pergunta na Floresta:

Imagem 6 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Rainha Ramonda fugindo de Wakanda. – 1’24’’56’’’. Fonte: Marvel (2018)



Nesse momento ela, Shuri, Nakia – que vai ao local onde o ritual do Pantera Negra acontece e pega uma Erva Coração antes que Killmonger mande queimar tudo – e o agente Ross vão em direção às montanhas para tentar convencer M'Baku a lutar contra Killmonger e assumir o trono de Wakanda. Nessa cena, há algo relevante para ser pensado que é o fato de Nakia chamar ele de estrangeiro, mesmo que ele seja descendente do Príncipe N'Jobu, irmão do Rei T'Chaka. O que talvez faça com que Nakia o considere como esse estrangeiro, para além do fato de ele não ter sido criado em Wakanda, seja a assimilação que ele tem de alguns mitos e preconceitos alimentados nos Estados Unidos, lugar onde cresceu. Franz Fanon, em seu *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020) diz em um trecho que “[...] um negro como René Maran, tendo vivido na França, respirado, ingerido os mitos e os preconceitos da Europa racista, assimilado o inconsciente coletivo dessa Europa, não terá como não se dar conta, desdobrando-se a si mesmo, do seu ódio ao negro. (Fanon, 2020, p.200)” e isso pode ser valioso ao observar o personagem Killmonger. Se por um lado ele deseja compartilhar com os negros de todo mundo os segredos de Wakanda e a tecnologia que eles desenvolvem com o Vibranium – como por exemplo as tecnologias medicinais utilizadas no agente Ross – por outro, seu desejo é alimentado por um sentimento de vingança por ter sido abandonado por essa pátria que

nunca foi sua e que assassinou seu pai. Killmonger aparece em Wakanda não como alguém que deseja se aliar e contribuir, mas como um estrangeiro, na melhor personificação do que vem de fora, com desejo de poder, guerra, vingança e dominação a todo custo. O que ele executa enquanto rei de Wakanda é um novo projeto imperialista que pretende fazer o movimento inverso da colonização europeia, não sendo mais da Europa para a África, mas da África para a Europa. O ponto chave nessa discussão está nas tradições de Wakanda, essas com as quais ele não deseja dialogar, já que elas estabelecem como uma nação pacífica, auto protetora e distante desse mundo globalizado que vive constantemente em guerra.

Em meio a tomada de poder de Killmonger, Ramonda vai em busca de alguém que possa salvar sua nação, já que ela acreditava não ter conseguido salvar seu filho. Ela é surpreendida quando M'Baku se recusa a consumir a Erva Coração, levando-a junto de Nakia, Shuri e Ross ao encontro do corpo de T'Challa. Nesse momento, ela e Shuri acreditam poder levá-lo para o laboratório para curá-lo, mas M'Baku insiste que no tempo que levariam até lá, T'Challa morreria. É então que Ramonda decide usar a última Erva Coração, em posse de Nakia, para ter novamente a esperança: salvar seu filho e salvar sua nação.



Imagem 7 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) –Ramonda macera a erva coração em um pote de barro e faz um clamor aos ancestrais para conseguir curar T’Challa. – 1’35’’35’’’.

Fonte: Marvel (2018)

Nesse momento, Ramonda mostra toda sua força e consegue congrega em uma cena todos os papéis que desempenha na trama e na vida de T’Challa. Aqui ela é a mãe que dá,

novamente, a vida ao seu filho. Ela é a rainha, desempenhando um papel fundamental como Rainha-Mãe para salvar a sua nação, trazendo de volta aquele que poderá ser um rei que dialoga com a tradição, pensando o melhor para a sua pátria. Aqui ela é uma mulher com conhecimentos místicos, que sabe como macerar a erva coração, que conhece as tradições de clamor aos ancestrais. Aqui ela é a mulher forte, mais velha, que consola as mais novas e lhes dá força e esperança. Mas, sobretudo, ela é uma mulher que habita encena a contradição burguesa do corpo feminino:

“[...] ser mulher no imaginário burguês – posto que para a mulher escravizada e para a mulher pobre, os *scripts* sociais e culturais imaginados eram outros –, significa estar remetida à esfera privada da casa e submetida aos estatutos do casamento e da maternidade. Nesse contexto, à mulher branca ficavam atribuídas funções que quase nada exigiam de sua autonomia emocional, intelectual e econômica.” (Nunes, 2018, p. 203)

Chamo atenção para as diversas vezes em que Ramonda precisou ser uma mulher forte e mostrar que, diferente das mulheres brancas, ela, como uma mulher negra, no continente africano, como matriarca de uma nação na África, não ocupava o lugar do imaginário burguês para as mulheres brancas, mesmo que fosse a rainha e gozasse de todos os privilégios que a vida em um palácio com uma nação de súditos que a chamam de Rainha-Mãe pode trazer. Ramona prova que não existe o privilégio do conforto em posições, mesmo as de alto escalão, para mulheres negras. Em meio ao luto pela morte do marido, ela teve que ser forte e coroar o filho como rei. Quando um invasor ameaçava Wakanda, ela esteve ao lado do filho para aconselhá-lo. Quando pensou que havia perdido seu primogênito, ela ainda sim saiu em busca de defender a sua nação, da qual é rainha e mãe. Ao encontrar seu filho precisando de cuidados, ela invoca o conhecimento que tem, clama pela deusa *Pantera Bast* e mais uma vez mostra que tem fibra para o papel social que desempenha frente a sua nação. Depois que T’Challa se recupera, ela mais uma vez aconselha o filho a lutar pelo trono de Wakanda e lutar pela nação. E T’Challa, com suas alianças, parte em busca do acerto de contas com Killmonger, em busca de recuperar Wakanda.

Ramonda não ocupa, ao longo da trama do filme, um papel secundário. Tão pouco assume o protagonismo, que fica a cargo do herói título. Ela é o que precisa ser e está onde deve. É a rainha, a conselheira, a detentora do saber ancestral, é a mulher forte, é a Rainha-Mãe, mas, acima de tudo, é o ventre que gerou T’Challa, sua mãe. A maternidade não recai para Ramonda como uma forma “[...] de dominação cuja violência intrínseca era matizada pela disciplina extraída da fé e pelo conceito do amor, principalmente o amor materno.”

(Nunes, 2018, p.203), muito pelo contrário, a maternidade a faz mais forte. Faz com que ela se perceba como o fio que dá continuidade a vida, a nação, a ancestralidade. A maternidade é uma forma de fazer dela parte da deusa *Pantera Bast*. E longe de fazer uma propaganda panfletária sobre a maternidade, mesmo porque isso não é uma questão no filme e existem outras mulheres que sequer cogitam ser mães na trama. Mas é o fato de Ramonda ser mãe que ela é o que é, essa mulher forte, persistente, que resiste, que chora, que se emociona, que ri, que comemora, que vibra e faz de Wakanda parte de sua vida e da sua vida, parte de Wakanda. Ramonda é de alguma forma um coletivo de mulheres de Wakanda, representando todas elas como mãe, a Rainha-Mãe de Wakanda.

No final do filme, a última cena em que Ramonda aparece é, novamente, ao lado direito do trono do Rei T'Challa, após passados os eventos da batalha com Killmonger e a retomada de T'Challa ao poder de Wakanda. Mesmo sem falar, Ramonda ocupando aquele posto se mostra significativo, como se a tradição fosse ela estar ali e fazer exatamente o que fez – até mesmo tentar uma aliança com a tribo Jabari – para salvar sua nação e sua família.

Shuri – a criança-mulher.

Outra das mulheres importantes para a trama de Pantera Negra é Shuri, interpretada pela atriz guianesa-britânica Letitia Wright, filha da Rainha Ramonda e do Rei T'Chaka e, portanto, irmã de T'Challa e princesa de Wakanda. Shuri é a segunda na sucessão real ao trono de Wakanda. Mesmo que nos quadrinhos⁴ Shuri chegue de fato ao trono e se torne Pantera Negra, o que motivou o ocorrido tão “apressado” na franquia de filmes foi o falecimento precoce de Chadwick Boseman. Ainda que ela só se torne de fato a protagonista no segundo filme, seu papel no primeiro é de extrema importância para o desenrolar da trama. Shuri é o braço intelectual da Wakanda. Ela é inteligente, tem habilidades criativas para o manuseio com a tecnologia e se mostra empenhada em sempre desenvolver novas formas de explorar as propriedades do vibranium para tornar Wakanda um país melhor para seus habitantes.

⁴ Nos quadrinhos, desde sua primeira aparição, Shuri desejava ser a Pantera Negra. É apenas em 2008, com o lançamento da série “Black Panther” da era “Dark Reign” que ela pôde provar seu valor e superar sua arrogância e ego para, enfim, se tornar a heroína.

Em uma de suas primeiras aparições, na cena do desafio, M'Baku diz, olhando para as outras tribos junto de seus representantes: “Nós observamos com desgosto seus avanços tecnológicos sendo supervisionados por uma criança!”⁵.



Imagem 8 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – M'Baku questionando a posição de Shuri em Wakanda. – 23’’51’’’. Fonte: Marvel (2018)

Além de expor um descontentamento sobre o modo como Wakanda guia politicamente sua nação, há, nesta frase, uma tentativa de desmerecimento de Shuri, de infantilização da personagem Shuri. Isso porque ele chega a chamá-la de “criança”, o que a coloca em uma posição inferior de maturidade, de idade e de subestimação do próprio intelecto. Esse é o momento mais explícito em que uma mulher de Wakanda é subestimada, colocando-a em uma posição de inferioridade não pelo gênero, mas por um recorte etário. Por mais que não seja dita a idade de nenhum dos personagens, o que pode fazer pressupor a dita “juventude” de Shuri seria o fato de ela ser mais nova que seu irmão T’Challa. Mas nada que justifique chamar a personagem de criança. É claro que ao fazer isso, o objetivo dele na cena é desmerecer a condução da manipulação e exploração do *Vibranium* de Wakanda, perante as outras tribos que estão representadas em meio a disputa pelo trono e o título de Pantera Negra.

A forma como M'Baku infantiliza Shuri, segue uma lógica diferente da que é usada pelo patriarcado para infantilizar as mulheres brancas. Elas são sempre levadas ao lugar da

⁵ Faço a transcrição a partir da legenda disponível no Disney+.

emoção, principalmente do choro, utilizado para causar comoção e por vezes ser uma saída “dramática” para que as mulheres brancas não precisem dar explicações sobre nenhuma atitude⁶. Fabiane Albuquerque & Vanessa Diniz ainda complementam, dizendo que:

“Além disso, o choro representa uma chantagem emocional também em relação aos homens para, assim, receberem proteção. A performatização destas mulheres através do choro, facilmente, lhes garante o lugar de vítimas, fazendo com que recebam apoio da sociedade, mesmo em casos em que cometam crimes. Isto corrobora para o fenômeno que a psicóloga Cida Bento (2022) chamou de *Pacto narcísico da branquitude*, o qual se entende como um acordo não verbalizado de autopreservação que atende a interesses de determinados grupos e, por pressuposto, contribui para a perpetuação do privilégio de pessoas brancas.” (Albuquerque & Diniz, 2022, p. 65)

Diante da provocação, Shuri não se abala, mantém-se em posição de espectadora da luta pelo trono. O ponto é que, não é como se as mulheres de Wakanda não chorassem, ou não tivessem emoções que “passam por gestos que fazemos se nos dar conta de que vêm de muito longe no tempo.” (Didi-Huberman, 2016, p.32). Elas choram, sorriem e vibram, mas, diferente das mulheres brancas – e reforço mais uma vez que o filme parece ter o cuidado de demarcar que a posição de “família real” não coloca Ramonda e nem Shuri na posição de mulheres frágeis – ela como uma mulher negra está sempre em uma posição defensiva, aparentando estar pouco aberta a emoção, em momentos públicos.

No âmbito mais privado, por exemplo, Shuri se desmonta como a mulher forte que aparente para a nação e se mostra, como na cena em T’Challa vai ao seu laboratório conhecer seu novo traje de Pantera Negra, como apenas a irmã mais nova que tem a tecnologia como mero hobby, despreendida do peso que tem de ser a grande responsável pelos avanços sobre os estudos do Vibranium.

⁶ Na ficção é possível ver muito desse artifício sendo usado, principalmente em novelas. Em 2004 a rede Globo exibiu a novela “Da Cor do Pecado”, protagonizada por Thaís Araújo, no papel de Preta, e Reynaldo Gianecchini, como os gêmeos Paco e Apolo, sendo Paco o par romântico de Preta. A vilã Bárbara foi interpretada por Giovanna Antonelli, uma mulher branca, usava sempre do artifício do choro como forma de desconversar e sair da cena, sobretudo quando precisava dar explicações a Afonso, personagem de Lima Duarte, pai de Paco – e conseqüentemente de Apolo – a quem Bárbara passa a trama toda tentando enganar.



Imagem 9 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Shuri e T’Challa se cumprimentando no laboratório. – 23’’51’’”. Fonte: Marvel (2018)

Essa cena desmonta o imaginário de Shuri como apenas a mulher forte que se apresenta em público. Além do cumprimento de irmãos, no laboratório, o “lugar” dela, é possível perceber uma outra performance social da personagem: seja pelo seu comportamento desprezado da função de princesa de Wakanda; os sorrisos e o jeito mais informal com que se comunica com seu irmão, desconsiderando nesse momento que ele é o seu rei – claro que por um pedido dele, mas o sorriso dela ao reverenciá-lo faz parecer que o gesto ela meramente “protocolar” ou um certo deboche; a forma com que ela apresenta o laboratório para ele, que foge de uma performance de uma cientista apresentando seu trabalho; e pela forma com que brincam com o traje que, graças às suas pesquisas, agora consegue armazenar energia e repeli-la.

Shuri se mostra o tempo todo engajada em participar das ações do herói. Quando T’Challa parte em missão para tentar interceptar o plano de venda de *Vibranium* de Ulysses Klaue, ela participa a distância auxiliando o herói com tecnologias na missão. Depois de capturar Klaue e serem atacados por Erik Killonger e seus aliados para salvar o então vilão da trama, o agente Ross é ferido e T’Challa resolve levá-lo para Wakanda com o objetivo de salvá-lo. Shuri mais uma vez prova seu conhecimento avançado e ao mesmo tempo o seu jeito brincalhão ao exclamar



Imagem 10 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Shuri recebe o agente Ross ferido em seu laboratório. – 1’00’’59’’. Fonte: Marvel (2018)

Na tradução do original, ela parece subverter a lógica utilizada contra ela e chamar o agente Ross, visivelmente mais velho que ela de “garoto”. São os conhecimentos da “criança” que irão salvá-lo e evitar que ele fique com alguma seqüela do ataque. Tanto Shuri como Ramonda atuam paralelamente à trama do herói e rei, ao mesmo tempo que são sua família, mãe e irmã.

Shuri mostra um amadurecimento ao longo do filme que se dá, não apenas pela sua caracterização, mas pela postura política que assume ao discursar e diferenciar o público do privado. No público, com qualquer outra pessoa, ela fala como a princesa de Wakanda, que reconhece a nação como um território político, que entende a sua posição como membro da família real e que parece compreender seu lugar como mulher negra em uma posição de comando – a chefe das pesquisas com *Vibranium*. Quando ela chama o agente Ross, após ele acordar, já recuperado do acidente, de colonizador, é como se ela: enquanto princesa, fizesse ele entender sua posição no mundo globalizado, fazendo ele compreender o lugar de onde veio; enquanto cientista, ela o contrapõe, mostrando ao “colonizador” como a tecnologia de um país julgado como subdesenvolvido foi a responsável por salvar sua vida, além de se apresentar como a mulher que comanda a pesquisa tecnológica que foi capaz de compreender as propriedades do *Vibranium* e usá-las em toda nação; como mulher, ao dizer “não toca em nada”, ela subverte a ordem de controle imposta pelo patriarcado branco ocidental ao estabelecer determinadas posições sociais são ocupadas por homens. A posição de Shuri coloca o agente Everett Ross de

frente com uma civilização extremamente avançada tecnologicamente, subestimada pelas proteções que criou para resguardar o conhecimento sobre o *Vibranium*, mas também subestimada pelo colonialismo que acredita que o continente africano não é civilizado e não tem conhecimento científico.

Após a tomada do trono por Erik Killmonger, Shuri parte com Ramonda em busca de salvar Wakanda. Após a recuperação de T'Challa, ela coloca em seu irmão o colar do traje do Pantera Negra. Ao fazer isso, Shuri une sua experiência e colaboração individual em prol de reconstruir Wakanda. O movimento de Shuri, que ainda nas montanhas, tem o apoio de Nakia, ganha força como uma experiência individual que colabora para a construção coletiva de um ideal de nação, que se forma a partir das mulheres. A partir desse ponto da narrativa, vai ser possível perceber que Wakanda é na verdade uma nação construída pelas mulheres e pela força que as suas individualidades se somam e formam a nação.

A cena da batalha por Wakanda, em que T'Challa se apresenta a Killmonger e diz que não está morto é o momento do recomeço dessa nação, uma possibilidade de fazer uma nação a partir da existência coletiva, repensada para fora de Wakanda, em ajudar seus semelhantes. O olhar desse “estrangeiro” traz para T'Challa, que volta a ser rei depois da batalha com Erik, uma nova forma de olhar para fora de Wakanda, para o povo negro do mundo, sobretudo dos Estados Unidos que sofre com as marcas do colonialismo em suas diásporas para um novo continente fora da África.

Shuri participa da batalha final de modo preciso e decisivo, além de comandar uma “invasão” ao seu laboratório para buscar equipamentos e ajudar na luta, em dado momento ela enfrenta em combate Killmonger, dizendo que ele nunca será rei de verdade. Ao tentar matá-la, ele é impedido por T'Challa, que se lança com seu rival em um túnel, para o que será o acerto final entre os primos. Ainda no campo aberto, ela vai junto das outras mulheres de Wakanda lutar pela pátria. É muito interessante como no filme há um lado onde estão as mulheres, em prol de T'Challa como rei, e o lado onde estão os homens – exceto os da tribo Jabari – estão ao lado de Killmonger. A batalha termina com T'Challa vencedor, com uma nova ferida aberta, a que causou a morte de Killmonger. Depois da batalha, de uma conversa, do fim de Killmonger, Wakanda retorna a outro ponto da sua história como nação.

O filme termina com Shuri e T'Challa em frente ao prédio, na Califórnia, onde o Rei T'Chaka matou seu irmão, onde Erik cresceu, onde as crianças negras jogam basquete. Voltamos ao início do filme, não mais em 1992, mas nos dias atuais – em 2018, ano de

lançamento do filme. Os acontecimentos de 1992 fazem, dentro da narrativa do filme, o que Leda Maria Martins chama de “[...] um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, que restabelece e também transforma, e que em tudo incide.” (Martins, 2021, p.204). O filme, que fala o tempo todo de uma ancestralidade, usa do recurso do Flashback, narrado por Zuri, para mostrar mais sobre os acontecimentos naquela noite em 1992. O Príncipe N’Jobu, que estava em missão nos Estados Unidos, confrontou o Rei T’Chaka sobre como os negros levados do continente africano sofriam com o horror que foi a escravidão no mundo e como ainda eram na diáspora, subjugados, marginalizados, mortos e expostos ao que Achille Mbembe vai chamar de Necropolítica (2018).

Podemos fazer uma leitura da atitude de N’Jobu como nobre, já que seu objetivo era ajudar com o *Vibranium*, e a tecnologia que ele pode proporcionar, os negros fora do continente africano com sua tecnologia e assim expandir o reino de Wakanda como potência de dominação mundial. Para isso, em 1992, ele ajudou Ulysses Klaue a roubar Vibranium, mas foi descoberto por Zuri, que tinha sido enviado para espionar sua missão. Quando o rei anuncia que ele será preso e julgado pelo conselho por ter traído a pátria, ele tenta se vingar de Zuri, mas é golpeado pelo Rei T’Chaka, seu próprio irmão, que põe a nação e a manutenção de um status político de Wakanda, a frente da família. N’Jobu, apaixonado por uma americana, teve com ela um filho, Erik, que anos mais tarde se torna o “estrangeiro” em Wakanda. Antes de morrer, Killmonger diz a T’Challa: “Só me joguem no oceano, com meus ancestrais que pularam dos navios. Pois sabiam que a morte era melhor do que a prisão.”⁷. A frase, faz, mais uma vez, uma digressão temporal, que nos leva à cena do Príncipe N’Jobu, que preferiu a morte a ser publicamente acusado de trair sua pátria e ser preso.

Quando T’Challa volta ao prédio e anuncia a Shuri que o comprou, junto dos prédios ao lado, para transformá-los no “Centro de Ajuda Internacional Wakandano”, ele dá um passo que de alguma forma rompe com a tradição de Wakanda de não interferir nos conflitos internacionais, mas ele fecha as duas feridas que, pensando a partir desse tempo

⁷ Na dublagem em português do Brasil o personagem diz “Só me joga no oceano, com meus ancestrais que saltaram dos navios, já que a escravidão era pior que a morte.”. Talvez a opção por usar “escravidão” ao invés de “prisão” no contexto brasileiro se dê por conta da marca que o regime escravocrata e o tráfico negreiro deixaram no Brasil. Mesmo que “prisão” remeta ao início do filme, quando pai de Erik prefere a morte a ser preso, usar escravidão aciona uma série de discussões na nossa sociedade em relação a escravidão e como a vida de pessoas negras em nossa sociedade é marcada por estigmas que tem origem em nosso passado colonial. A troca, em grande medida, não altera a leitura da cena, onde Erik prefere, em meio ao seu ferimento, morrer do que ser preso. A escravidão foi, de muitas formas, uma prisão para o corpo negro.

espiralar são abertas. Ele repete o gesto de seu pai, abrir uma ferida. T'Challa, diferente de T'Chaka, tenta fechar essa ferida. Ao ouvir a sugestão de Nakia, sua amada, ele tenta de alguma forma fazer a diferença.



Imagem 11 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Shuri recebe de T’Challa a notícia da abertura do Centro de Ajuda Internacional Wakandano. – 2’01’’47’’’. Fonte: Marvel (2018)

O Rei T'Challa então nomeia Shuri, sua irmã, a chefe do intercâmbio de informação e ciência. A mulher, colocada como criança no início do filme, encerra sua jornada sendo colocada no posto de transmissora e construtora de conhecimentos coletivos. Shuri sai da posição de estar nos bastidores e passa a agir pela nação. Não como guerreira, mas usando seu conhecimento para mudar em alguma medida a vida dos seus semelhantes. O posto de chefe do intercâmbio é uma forma de Shuri colocar sua individualidade para a construção de um coletivo. Um cuidar coletivo.

Seguindo a tradição das cenas pós-crédito da Marvel, a primeira cena é o Rei T'Challa discursando na ONU. Em uma imagem pouco usual para chefes de Estado, o rei chega ao púlpito para discursar rodeado de mulheres: Nakia, Okoye e outra mulher das Dora Milaje. T'Challa discursa dizendo que Wakanda se abrirá para o mundo, para ajudar, construir coletivos, se proteger. Quando questionado sobre o que “uma nação de fazendeiros” pode oferecer ao mundo, ele apenas sorri. Seguem os créditos.

Wakanda pode oferecer mais que a tecnologia do *Vibranium*: a nação pode dividir com o mundo uma cultura que tem como pilar o exercício da escuta, um saber que se aprende ao

ouvir as mulheres pretas, uma construção de aprendizados a partir de sua sabedoria ancestral, com seu desejo por conhecimento e por sua persistência em não desistir.

Okoye – a força da mulher guerreira.

Okoye, a líder das Dora Milaje no reinado de T'Challa, é outra das mulheres importantes para a narrativa do filme e para a nação. Não apenas pela posição que ela ocupa, de uma espécie de general, já que ela lidera o grupo que é o exército do rei de Wakanda. As Dora Milaje são um exército muito poderoso, formado apenas por mulheres e conta com as maiores guerreiras de Wakanda. Além disso, elas são responsáveis diretas pela segurança do Pantera Negra e de toda a família Real. As Dora Milaje aparecem já no início do filme, no trecho que narra os acontecimentos de 1992, como guardas do Pantera Negra, nessa época o Rei T'Chaka. São elas as primeiras a entrar no apartamento, para garantir a segurança do herói e do rei.



Imagem 12 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) –As Dora Milaje e o Pantera Negra Rei T'Chaka. –04’’03’’”. Fonte: Marvel (2018)

Como já mencionado, o filme é uma adaptação dos quadrinhos, com isso, as ordens dos acontecimentos são alteradas, mantendo apenas a essência – por vezes nem isso, apenas a inspiração fica – das tramas dos quadrinhos. Com isso, a história das Dora Milaje, suas tramas internas enquanto exército, formas de escolha das guerreiras e o motivo pelo qual elas são mulheres carecas, não é explicado no filme.

Após a passagem de tempo, ao que o filme nomeia como “dias atuais” – em inglês “present day” – temos T'Challa em uma tentativa de interceptação a uma missão em busca de

Nakia, para comunicá-la da morte do Rei T'Chaka e da cerimônia que irá coroá-lo rei de Wakanda.



Imagem 13 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Primeira aparição de Okoye, líder das Dora Milaje. – 07’58’’. Fonte: Marvel (2018)

Em essência, elas são defensoras leais, dispostas a sacrificar sua própria vida para proteger seu país, a família real e servir a quem estiver no trono. O exército de mulheres utiliza sempre a mesma roupa, uma armadura com desenhos que se adequam a ergonomia de seus corpos e incríveis lanças, que nos quadrinhos são feitas de *Vibranium*. Nada relacionado ao seu treinamento, seleção, ou qualquer maior detalhe aparece no filme do Pantera Negra, apenas a ênfase da lealdade do exército ao Pantera Negra – T’Challa –, a sua inteligência com táticas de guerra, a rapidez dos movimentos e a força que elas possuem, seja física, seja psicológica.

É interessante ver em um filme de grande projeção midiática, inserido dentro da narrativa do MCU, distribuído pelos estúdios Disney, um exército apenas de mulheres, com tamanha força, habilidades e domínio do controle nas batalhas. Isso chama a atenção para pensar como, mais uma vez, o filme tenta colocar em discussão a temática das emoções das mulheres negras.

“Uma tática liberal racista que incentiva [nós mulheres negras a] sermos inabaláveis, mesmo em meio às dores, às desigualdades econômicas e ao genocídio do homem negro, principalmente, tendo que suportar todo tipo de exploração, seja pela força de trabalho ou através da objetificação dos nossos corpos. E, quando ousamos expressar nossas emoções, somos classificadas como raivosas ou agressivas, com o intuito de sermos silenciadas e desqualificadas diante das situações

de humilhação que somos expostas diariamente. O racismo nos violenta, nos desumaniza e emudece diante de situações de intenso sofrimento psíquico, ao darmos pouca importância para o que sentimos, quando não, nos produz sentimento de vergonha diante das nossas dores, calando nosso choro, nossas necessidades mais íntimas, nosso banzo! Vivemos em uma sociedade pensada por brancos e para os brancos, onde nós não somos autorizadas a receber cuidado, ao contrário de mulheres brancas burguesas.”. (Albuquerque & Diniz, 2022, p. 65)

Ao observar o trecho acima, percebemos duas questões chave que se dão, na ausência de uma narrativa sobre as Dora Milaje e no destaque que Okoye ganha, sendo líder delas e, portanto, representante de um grupo. A primeira nos faz pensar que dentro do filme apresenta uma narrativa que se passa em um país da África. O tempo todo a trama busca mesclar a discussão de uma nação com uma história de super-herói. Nessa nação, muito diferente do que é visto no ocidente, o exército, isto é, a força de guerra, não é controlada por homens, mas sim por mulheres. Elas, na maior parte do tempo, não demonstram suas emoções, estão sempre apostas para a guerra e se mantêm por muito tempo dentro de uma lógica de guerra, postura, preparação, com seu armamento empilhado em posição de batalha. Mas nada dessa performance das Dora Milaje é fruto de uma ação da colonização branca, isso porque Wakanda não é o retrato de uma nação colonizada. Essa mulher negra, forte, capaz de supostamente suportar a dor calada, violentada por um racismo, não aparece em “Pantera Negra”. Claro que a ausência de uma trama que explique o contexto das Dora Milaje não permite afirmar que a mulher Wakandana escolhe a guerra, escolhe o exército. Mas em uma nação formada a partir de um mito em torno de uma divindade feminina, é possível presumir que sim, elas escolhem.

A segunda questão é a forma como Okoye, como líder delas, mostra a emoção que atravessa essas mulheres em um contexto decisivo e em uma posição central no país. Ela, como líder do exército, está sempre ao lado de T’Challa, enquanto ele é o Rei. Sempre auxilia nas decisões, fornece informações importantes e está sempre ao seu lado nos momentos em que ele está fora de Wakanda. Mas, a lealdade das Dora Milaje, e, portanto, de Okoye, está na nação, no trono. Mesmo com toda sua admiração pela Rainha-Mãe e seu apreço pela família real, Okoye é leal às tradições e aos ritos que formam a nação, que formam Wakanda. Depois que Killmonger derrota T’Challa e faz com que todos pensem que o antigo Pantera Negra morreu, Nakia vai a Okoye e tenta convencê-la de fugir e buscar uma forma de destronar esse novo rei.



Imagem 14 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Okoye diz a Nakia que não irá embora com ela por ser leal ao trono. – 07’58’’. Fonte: Marvel (2018)

Okoye toma uma decisão: ficar e servir ao trono. Esse é o propósito dela e das Dora Milaje, ser leal ao trono e assim servir a quem o ocupa. Ao fazer isso, Okoye nos faz perceber que há um imaginário quase comum para a formação das nações. Se formam a partir de ritos, de mitos, de tradições e sobretudo de símbolos. Claro que os símbolos mais rápidos para se pensar quando se fala de nação não aparecem no filme quando se fala de Wakanda. O filme não mostra uma bandeira, um hino ou brasões da família real. Mas a nação do continente africano possui um mito de formação, um exército, uma família real com garantia de ascensão ao trono, um rito de sucessão que respeita o acordo das quatro tribos que originaram a nação, entre outros. Mas aqui interessa dizer que o trono é um desses símbolos da nação. O trono como uma posição política, como o lugar que dá poder a quem nele senta. Muito mais que uma cadeira adornada com símbolos, o trono é aqui o poder, o rei. E é ao trono que Okoye, mesmo em meio a um nervosismo de deixar os que ela tem algum afeto, promete ser leal.

A lealdade que a faz ficar em Wakanda enquanto Ramona, Shuri, Nakia e Ross partem, faz lembrar uma reflexão de Benedict Anderson que pensa ser “[...] difícil imaginar um tipo de vida sem que se perceba a nação como algo completamente novo.” (Anderson, 2008 p. 263). Claro que o contexto do autor é outro, mas faz pensar como a noção de nação em Wakanda é tão consolidada – semelhante aos moldes do que a Europa difundiu pelo mundo com o projeto colonial – que mesmo em um país da África, nesse primeiro momento, parece inconcebível tomar alguma decisão, mesmo que por afeto ou por um

juízo de valor em certas decisões, que contrarie a noção de que a nação, ou pátria, não está acima de seus interesses pessoais.

No entanto, no desenvolver da trama, que nesse momento se encaminha para o fim, Okoye percebe que na verdade Killmonger é que está tentando colocar os seus interesses pessoais acima da posição que ocupa, a de Rei. Já na primeira reunião que ele faz com o conselho, ele propõe quebrar um dos pilares fundadores da Wakanda e colocar a nação no centro das guerras do mundo. Tanto ele como Okoye sabem que a tecnologia de Wakanda, fruto das pesquisas com *Vibranium*, podem não apenas coloca-los muito a frente no que diz respeito as tecnologias de guerra, mas também será responsável pelo genocídio de muitas pessoas no mundo. Mas mais do que entrar em guerra com o mundo, a lógica de Killmonger de oferecer a mesma lógica de ocupação colonial que foi feita no continente africanos pelos Europeus, nunca foi o objetivo de Wakanda enquanto nação. O terror que Erik Killmonger pretende espalhar pelo mundo, em primeiro, desagrada Okoye, que se mostra apreensiva o tempo todo, mas também lembra os escritos de Mbembe, fazendo pensar que o objeto desse novo rei é fazer de Wakanda uma nação que promove um terror ao mundo, querendo mostrar que o arsenal de guerra é infinitamente mais poderoso que o do resto do mundo. Mesmo contrariada, Okoye segue as ordens de seu rei, mostrando ser leal a seu trono.

Na cena da batalha final, quando T'Challa aparece com o objetivo de retomar o trono de Wakanda e impedir o plano de Killmonger, Okoye e as Dora Milaje parecem espelhar nele um símbolo nacional, o verdadeiro Pantera Negra, esse que seria o verdadeiro herdeiro da nação. É nesse momento que o exército das mulheres de Wakanda tomam Killmonger como um opositor, um inimigo da nação. Okoye diz que Killmonger não serve para ser rei, pois seu coração está cheio de ódio. E diria mais, Erik é um personagem tomado pelo pensamento colonial, que prega a guerra, a destruição e sobretudo a dominação a todo custo, totalmente contraditório ao que Wakanda prega. Okoye sinaliza com sua lança para que as Dora Milaje a sigam, se ponham em posição de batalha e se oponham a Erik. Como líder, sua decisão é decisiva. Como subordinadas, o exército é leal e segue, sem pensar, a ação de sua comandante.



Imagem 15 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Okoye e as Dora Milaje em posição de batalha. – 07’58’’. Fonte: Marvel (2018)

Okoye muda então seu discurso e sua posição na batalha. Ao mudar a posição de Erik para o lugar do inimigo, ela recoloca T’Challa como o rei e ordena que o exército sob seu comando siga para protegê-lo e auxiliar seus aliados na batalha. Sua decisão é crucial para o fim da batalha. A lealdade à pátria que Okoye tem é decisiva para vencer a batalha. Ao ser questionada por W’Kabi se ela seria capaz de matá-lo, chamando-a de “meu amor”, Okoye diz que por Wakanda, sem dúvida. A cena segue mostrando a luta, a câmera faz parecer que ela está sendo observada por W’Kabi, que puxa sua arma, uma espécie de foice, joga aos pés de Okoye e se ajoelha, como um sinal de rendição.

Seu gesto pode ser lido de várias formas. Diria que, em primeiro plano é uma rendição, já que W’Kabi de alguma forma representava o exército de Killmonger e quando Okoye escolhe a nação, representada pelo “verdadeiro” rei, o Pantera Negra T’Challa, eles passam a ser inimigos. Mas, esse gesto também pode ser uma forma de W’Kabi e os que o seguem como exemplo de mostrar que a nação precisa estar acima dos interesses pessoais. Ajoelhar-se é também uma forma de mostrar arrependimento por ter sido fiel aos planos egoístas de Killmonger, no momento em que ele, como representante da tribo da água, poderia ter se levantado contra ele. Mas não o fez. O filme encaminhou a narrativa, mais uma vez, em prol de colocar uma mulher como a força que guia a nação. Nesse caso, forma algumas, mas Okoye é sem dúvida fundamental.

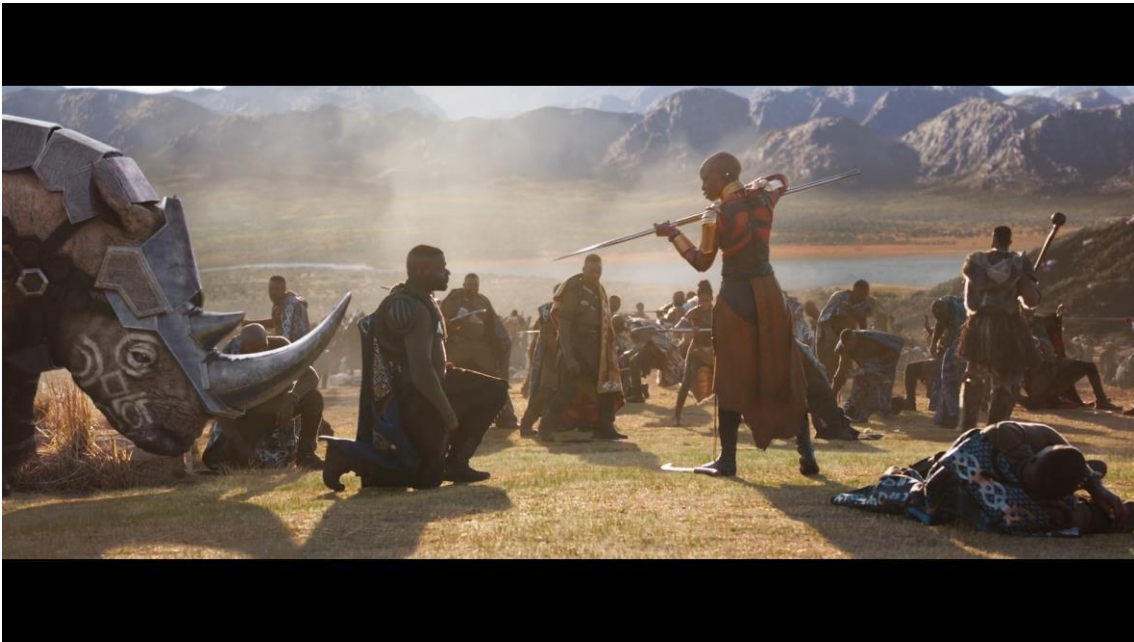


Imagem 16 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Okoye vê W’Kabi se render. – 1’55’’07’’”. Fonte: Marvel (2018)

Okoye mostra como ela e as Dora Milaje são leais ao trono, às ideias que fundaram e que formam a nação. Ela coloca a pátria acima de sua vontade e seu desejo. Talvez na cena da batalha final, T’Challa se torne um desses símbolos da nação, representando mais que somente o herdeiro do trono real. Talvez naquele momento tenha sobressaído a vontade de Okoye em relação à pátria, já que naquele momento seu rei era Killmonger.



Imagem 17 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Okoye ao lado de T’Challa enquanto ele discursa na sede da ONU. – 2’05’’35’’”. Fonte: Marvel (2018)
O que se torna fundamental reforçar é que, junto de Ramonda, Shuri e Nakia, Okoye é uma das mulheres, das muitas, que fazem de Wakanda uma nação diferente. Elas são as

responsáveis por muitas das decisões de T'Challa, o encorajam, o protegem, o aconselham e estão sempre ao seu lado. Ao contrário de outros filmes de super-herói, “Pantera Negra” (2018) tem o protagonista rodeado por um ciclo de afetos composto por mulheres. Elas é que sempre estão ao seu lado. Claro que existem homens na trama, mas as mulheres são fundamentais para a trama do filme e sem elas, acredito que a história não seria tão significativa, pois talvez se tornasse mais um filme do MCU. “Pantera Negra” é diferente, põe as mulheres no centro e ao lado do protagonista. Elas protagonizam o filme junto com ele e é a partir delas, e com elas que Wakanda tem muito para oferecer.

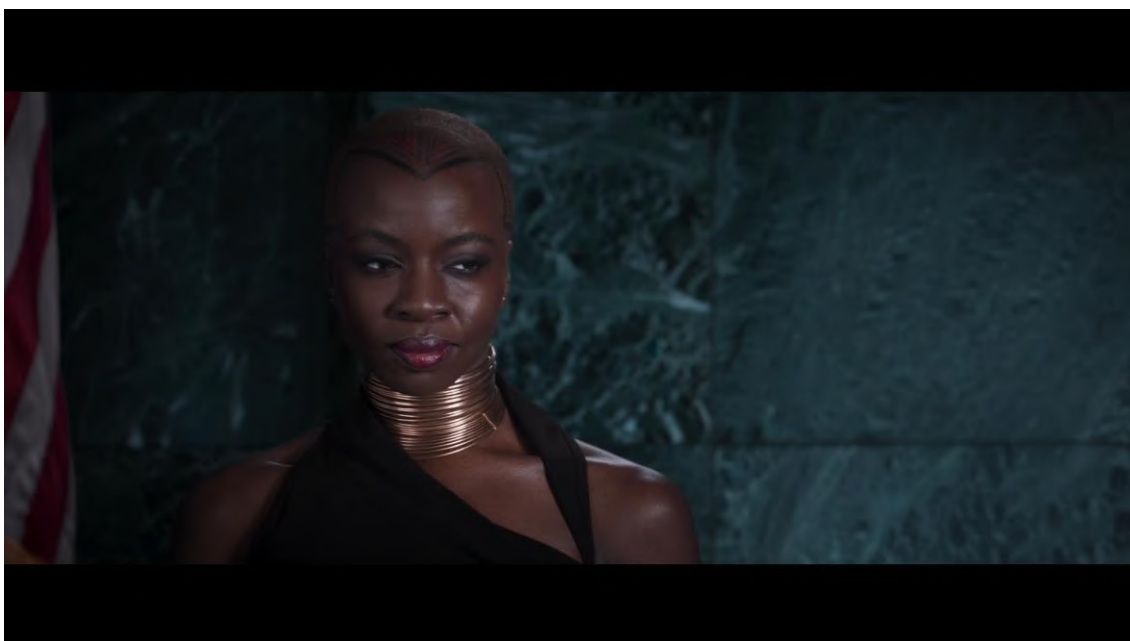


Imagem 18 – Print Screen do filme “Pantera Negra” (2018) – Okoye em seu último quadro na cena pós-crédito em que T’Challa discursa na ONU. – 2’06’’36’’’. Fonte: Marvel (2018)

Wakanda Para Sempre.

É importante ressaltar que “Pantera Negra” (2018) traz muitas questões de representatividade, mas não podemos nos desvencilhar do fato desse filme estar inserido dentro de uma grande lógica de mercado capitalista. O filme faz parte de uma cadeia produtiva de um grande estúdio de Hollywood, que conta com filmes e séries, produzindo infinitas formas de promover suas produções, além dos milhares de produtos licenciados com as imagens dos filmes e de todo o universo.

Mesmo assim, “Pantera Negra” traz uma narrativa que apresenta o primeiro super-herói negro do universo, se observarmos pela ordem de lançamento das produções, além de um enredo rodeado de mulheres negras com diversos olhares sobre a nação, muitas experiências de vida e o desejo de manter essa nação como um espaço coletivo para que todos possam viver em paz e segurança. Essas mulheres, com idades diferentes, com perspectivas diferentes do lugar onde ocupam na sociedade Wakandana, constroem um discurso comum sobre a proteção da nação e a perpetuação da ancestralidade Feminina vinda da deusa *Pantera Bast*, a ancestral de Wakanda que foi a responsável por dar os poderes ao xamã que se tornou o primeiro Pantera Negra e o primeiro rei da nação que nasceu em torno disso.

De alguma forma, parece que o primeiro filme constrói uma narrativa para o segundo filme “Pantera Negra: Wakanda Para Sempre” (2022), onde Shuri se torna a Pantera Negra e protagonista do longa. É possível ver que Wakanda, mesmo que só seja governada por uma mulher no segundo filme, se mostra como uma sociedade matriarcal, que tem Ramonda como Rainha-Mãe e coloca a opinião das mulheres em primeiro plano, cercando seu protagonista de vozes femininas, sem as quais muitas das suas decisões não seriam possíveis.

“Pantera Negra” (2018) é um filme que mostra a importância de ouvir as mulheres, sobretudo a sabedoria de uma mulher negra. Valorizar sua ancestralidade, sua força, sua inteligência, suas dores, lutar suas lutas e dar a elas o protagonismo e o espaço onde elas podem ser felizes. Isso acontece mostrando uma nação em que o colonialismo não venceu, mesmo quando um estrangeiro que representa as ideias coloniais tenta tomar o poder. Mesmo dentro do universo Disney, dentro da Marvel, “Pantera Negra” representa muito, como filme, como produto de consumo e como um discurso amplamente distribuído em forma de filme de super-herói: quando uma mulher negra fala, devemos ouvir o que ela tem a ensinar. Wakanda Para Sempre!

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fabiane & DINIZ, Vanessa. **A infantilização de mulheres brancas: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v.17 n.3 Dezembro. 2022 ISSN 2318-101x (online) ISSN 1809-5968 (print). p. 60 a 69.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Ed. Jandaíra – Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

ANDERSON, Benedict. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.* São Paulo: Companhia das Letras

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades – introdução à teoria feminista.** Traduzido por Jamille Pinheiro. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo. Editora Elefante. 2017.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: SILVA, Luiz Antônio HALL, S. *Estudos culturais e seus legados teóricos.* p. 142, 2004.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte.** Traduzido por Renata Santini. – São Paulo: N-1 edições, 2018.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade. **Mulher de Favela: o poder feminino em territórios populares.** – Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

POLI, Ivan. **Antropologia dos Orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora.** – [2. ed.] – Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SANTOS, Natali. **WAKANDA FOREVER: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS AVALIATIVOS DO FILME PANTERA NEGRA.** Monografia de Conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural. Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 2019.

Filmografia

PANTERA Negra. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Marvel Studios, 15 de fevereiro de 2018. Disponível digitalmente no serviço de streaming Disney+.